



Gaiato

21 DE OUTUBRO DE 1967
ANO XXIV — N.º 616 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA FUNDADOR Padre Américo VALS DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA AVENÇA * QUINZINAL
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

OVO DE COLOMBO

Com a saída dos postais-aviso o correio da Editorial subiu extraordinariamente! Tanto, que não sabemos quando o veremos em ordem. Mas lá iremos, se Deus quiser.

No entanto — e como temos feito até aqui — vamos transcrevendo mais cartas reveladoras do Fogo sagrado que vivifica a alma dos leitores.

Eis a primeira. É da Capital:

«Junto 50\$ para corresponder ao «Ovo de Colombo» que me foi enviado e, nestas férias, pôde ser saboreado de um trago.

Deixa um sabor amargo, porque nos desperta na consciência o remorso de nada fazermos pelo nosso irmão, a causar-nos desgosto por nos colocar perante o nosso egoísmo insensível de fracos, de abúlicos.

Que Deus vos ajude a levar a Cruz e, a nós, nos ajude a vencer a barreira do nosso comodismo e a abrimo-nos mais para com o irmão e a cumprir o Mandamento do Amor do Próximo».

Depoimentos que sangram — e fazem sangrar! Pois são. Mas aquele sabor amargo tão doce é aos olhos de Deus como aos olhos dos homens. Assim todos o queiram entender...

O «Ovo de Colombo» também serve de lenitivo. Ora vejam:

«Mais uma vez venho agradecer o envio do último livro por vós publicado: «Ovo do Colombo».

Assim como precisamos de pão para a boca, esses admiráveis livros do nosso Padre Américo, são um alimento precioso para o nosso espírito. Por mim falo. Os três volumes do «Pão dos Pobres» e o «Obra da Rua» têm-me ajudado imenso a suportar a minha cruz e agora mais este.

Oxalá não seja o último. O tempo não é muito, mas arranjo sempre um bocadinho para adquirir coragem e resignação para poder aliviar o mais possível os estragos que a doença faz em meu marido».

É uma crucificada. E diz tudo.

Agora, passamos a palavra a uma leitora de Aldeia Nova de S. Bento:

Cont. na QUARTA página

Há dias, um senhor chegou à Metrópole, gabou-se de ter deixado um filho em Angola. Bonito!

Por certo que esse dito senhor foi chamado à responsabilidade por muitas coisas: Botas mal engraxadas; licença militar; falta de mínimos e mais. Sobre o filho que deixou ninguém quer ondas e ele faz do caso motivo de recreio prós amigos.

Como me sabe, neste momento, a frase de Pai Américo!: «O Pobre não pode ver com bons olhos que alguém coma ou beba ou se divirta à custa de sua imerecida penúria».

MALANJE

Apresento este caso porque são centenas. Para quando, a mulher nativa respeitada? Nela a mesma dignidade que pomos na nossa mãe e irmãs.

Estes casos eu os sinto na própria carne. E, tão triste, por ver que estamos destruindo a nossa própria cidade. Metralhadoras, todos têm; se nos falta a força moral... lá vai tudo.

X X X

Vei o um senhor de Rio Tinto com cem para uns tijolos: «Seguem 100 para alguns tijolos para a Casa do Gaiato de Malanje, pois o aviso é sério e nós temos que acordar do sono em que vivemos».

Acordar do sono!

Há tempos, um senhor saiu chorando do pavião das crianças doentes na nossa Aldeia do Calvário. «Não imaginava — disse — que houvesse crianças a sofrer tanto. Os meus filhos são perfeitos. Nunca agradei a Deus nem me debrucei, verdadeiramente, sobre os outros». Acordou.

Acordar do sono é sairmos de nós próprios e olharmos à nossa volta, com amor, todos os outros.

E, não esqueçam o tijolo. Nós precisamos tanto.

Padre Telmo



Eis o interior da nossa Capela de Malanje — simplicidade e beleza na Casa de Deus! — o centro de um santuário d'almas.

Estamos a escassos oito dias da partida. Antes de fechar as malas e caixotes, fizemos a nossa preparação espiritual, ajudados por um missionário e apaixonado, com vinte anos de Moçambique. Preparação espiritual. Nós vamos dar testemunho e um testemunho vivo de Cristo Ressuscitado, vivo, presente e exi-

Carta de uma mãe a seu filho

«Querido filho: Recebemos tua carta onde nos dá a notícia da tua ida para Moçambique junto com os teus rapazes. Não nos causou muita surpresa pois já esperava que um dia também te chegava a vez.

Deus te ajude e te acompanhe. Oxalá colhas o fruto dos teus trabalhos e canseiras.

Do coração te digo, embora me custe a tua separação talvez para sempre, ao menos pe-

Cont. na SEGUNDA página

A OBRA DA RUA

em MOÇAMBIQUE

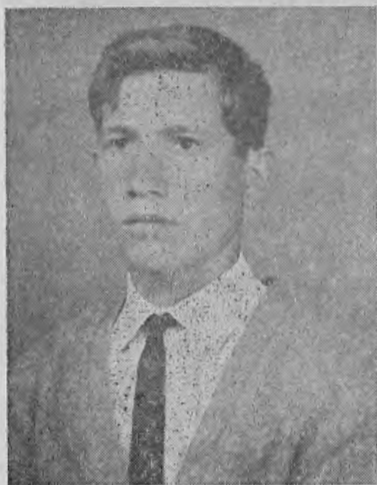
gente. O nosso programa é amar. «Amar tudo quanto é pequenino». Não levamos outro definido nesta missão que nos leva. Ele é um prolongamento da Obra da Rua, nascida na Metrópole com braços em Malanje e Benguela e agora em Lourenço Marques, mas com os seus alicerces na Eternidade. Vamos negociar sim, os talentos que Deus nos confiou ao serviço das crianças abandonadas, dos Pobres e dos fracos. Vamos ao serviço dos irmãos numa missão de amor.

PADRE JOSÉ MARIA

PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

CEIFA — Começou a faina cá em casa. Começou a ceifa do arroz. Se tu amigo queres ver a revolução que por cá vai, vem ver-nos durante estes dias.



Luís

VINDIMA — Já foi feita. Durante todo o dia a alegria e a boa disposição fizeram-se sentir. Uns cantando outros rindo e as uvas saltando para o lagar. O vinho também já está feito e esperamos brevemente poder começá-lo a beber.

UM PEDIDO — Acabamos de arranjar uma sala para os rapazes mais velhos. Sala de estudo e distração. E num destes dias uma pessoa amiga deu-nos muitas Flamas. Acontece que veio quase a colecção completa. Como tínhamos muito gosto em encaderná-las, pedimos a quem tenha algumas dos primeiros números e que lhe não faça falta o favor de as enviar para a Casa do Gaiato de Setúbal.

E já agora aproveito para lembrar a quem tenha um ferro de engomar e que lhe não faça falta... É que tanto os que estão na roupa como na alfaiataria estão muito velhos e já não dão para o serviço que cada vez é maior.

ELEIÇÕES — Foram no passado dia 27, depois do jantar. Em primeiro lugar falou o Sr. Padre Acílio da responsabilidade que significava o acto e exortou a consciência de cada um a votar naquele que vissem que era mais capaz de



«Charruas»

comandar e guiar os destinos da casa durante um ano. Como candidatos figuravam, Luís, Barba Russa, Charruas, Rui e Joanito.

Depois de feita a eleição, a classificação ficou assim ordenada: como chefe, Luís com 20 votos, como sub-chefe Charruas com 9 votos, seguindo-se Barba-Russa com 5, Rui com 2 e Joanito com 1 voto. Aos chefes desejamos muitas felicidades.

Laurindo Ferreira Lopes

Visado pela
Comissão de Censura

A Obra da Rua em Moçambique

Carta de uma mãe a seu filho

Cont. da PRIMEIRA página

la minha parte, tenho todo o gosto de te ouvir assim e conhecer mesmo a tua vocação, do que ouvir dizer que és um mau Padre como infelizmente se vê por tanta parte. Por isso não quero dizer-te (e nem adiantava nada) que não vás.

Vai e Deus tenha pena de todos vós e de nós também.

Não te esqueças que sempre tens os teus pais a rezar por

vós e por isso fazes a tua obrigação de seres sempre um bom filho e um bom Padre.

Peço-te também que sejas, como o filho mais velho, sempre um bom conselheiro para teus irmãos porque precisam sempre de quem os oriente para o bom caminho. Na minha falta faz por conformar teu pai. Embora estejas longe sempre o confortas.

Nada mais tenho a dizer-te e já peço bastante».

Novo recado aos assinantes do «Famoso» e da Editorial

No último dia do prazo marcado pela Administração dos C. T. T., colocámos na estação de Paço de Sousa o remanescente dos postais-aviso dirigidos aos assinantes, cuja escrita não está em ordem nos respectivos ficheiros.

Foram mais de 15.000 deles pró correio. Uma farturinha! E poupámos nada menos de cinco contos de reis. Valeu a pena. Parabéns aos estudantes do Lar do Porto e aos seminaristas que ajudaram na tarefa!

Agora é um mundo de correspondência! Até parece correio de Natal..., exclama o Sr. Padre Carlos. Hoje então, como ontem foi domingo, o volume dobrou. Avelino já se queixa do movimento. Eu idem. Queixas doces! Bem mais amargos são os enigmas que ora surgem nos ficheiros. Culpa nossa? Sim; também. A maior parte, porém, somos vítimas do generalizado desconhecimento, entre os leitores, de como está montada a nossa desorganização organizada: os ficheiros estão por ordem alfabética e de cada vez que se nos dirige, o leitor precisa de respeitar o endereço tal qual segue no jornal ou no livro. Entendido?

Enigmas! Aí vão mais alguns: Assinantes que recebem 2 jornais. Alguns 2 livros. Quer dizer, possuem fichas em duplicado. Uma com o nome completo. Outra com ele abreviado. Ou ainda receber marido e esposa; e quando põem as contas em ordem não indicam o mal, que permanece até à chegada do aviso revolucionário.

O que mais nos fere, porém, repetimo-lo, são os nossos deslizes. Esses é que doem. Seja desorganização no ficheiro, seja o eterno problema dos vendedores, sejam esquecimentos e lapsos a que todos estamos sujeitos. É o caso do nosso Padre José Maria que, aflito,

veio ter com Avelino revelar que dois assinantes de Fafe puseram suas contas em dia — mas perdera os nomes! Enfim, apesar de todas as imperfeições da nossa desorganização organizada temos, porém, cartas e postais — grande número deles, aliás — verdadeiramente encantadores pela delicadeza e compreensão e até como agradecimento pela oportunidade do aviso! Temos pena de não haver ainda separado nenhum, no meio de tantos e tantos. Temos pena. Mas demos tempo ao tempo. Esta edição está nascendo quase com um mês de antecedência; que Alberto, chefe maior e compositor-mor, está deabalada para Fátima, em peregrinação, e quer deixar sua vida em ordem.

Em suma. Os senhores mais refilões não se escamem com o inofensivo postal-aviso! Vejam nele como que um serviço de rotina. E, neste caso particular, uma poupança de cinco contos de reis que os C. T. T. comiam após 1 de Outubro. Só por isso havíamos todos de ficar satisfeitos. Não é verdade?!

Júlio Mendes

Acaba
de
sair
o
livro

Ovo de Colombo

Se não é assinante da nossa Editorial e deseja possuir mais esta obra de Pai Américo, basta fazer o seu pedido de remessa em um simples bilhete postal.



Não sei quantos leitores do Porto terão acompanhado estas crónicas e alimentarão a chama de interesse pela promoção do Pobre do Barredo. Para poderem ajuizar um pouco das dificuldades deste trabalho, aqui vai hoje uma amostra. Dificuldades em realizar obra duradoura, nascidas no seio do Pobre, mas alimentadas culpavelmente por outros que falsamente pretendem ajudar, mas apenas constroem miséria.

Um casal com cinco filhos. Ele é refractário e tuberculoso. Aparece a pedir ajuda, alegando dificuldade de trabalho por via da falta ao serviço militar. Em tempo oportuno se lhe pergunta a solução mais viável do caso e várias vezes instado, se negou a colaborar. Mesmo assim arranjou-se-lhe trabalho: não o aproveitou. A mulher entretanto continuou a pedir para os cinco filhos. A mãe dele, porque ele tem uma amante, acusa-o de refractário e vai preso. Ela continua a pedir. Pede até para o libertar. Em face da situação dele perante a mulher, é-lhe respondido que não e propõe-se-lhe receber alguns filhos para ela poder trabalhar.

Por duas vezes se combinou um encontro e não aparece.

Outra mulher a pedir; inventa-se um trabalho fácil e leve: a conservação da limpeza da rua onde mora. Dois dias cumpriu. Depois já não e foi-se a ver tinha vendido ao ferro velho a vassoura, o apanhador do lixo e o mais que se lhe tinha dado. Continua a viver sem trabalho. Porquê?

Outro homem a pedir. Arranja-se trabalho a 50\$ por dia. Só aparece uma semana porque a pedir tira 70 a 80 escudos diários. A pedir onde há vinte e tantas «Obras» de caridade mal entendida, que ali andam a ouvir lamúrias e a dar sem preocupações de como nem a quem. A uma pessoa de grande relevo no panorama bancário da cidade foi pedida colaboração, pois sabe-se que dá em abundância a todos quantos lhe batem à porta: que deixasse de ajudar casos isolados e descontrolados que o abordam. A resposta foi que todos precisam e é preciso arranjar alguma coisa para todos. Mas há pior. Há casas no Porto que têm por hábito dar cinco escudos a qualquer Pobre que

aparece. Isto faz-se sobretudo em estabelecimentos comerciais para aliviar a porta de presenças destoantes. Não será este um dar criminoso? Este dar cego, que apenas alimenta vadiagem, preguiça e vícios? Quantos homens andam a pedir para não matar o corpo no trabalho e empregam em vícios o dinheiro que recebem. Quantos comem à custa da pedincha da mulher ou dos filhos, enquanto o salário fica na taberna ou na vida devassa que levam...

Mas no meio de tudo isto também aparece o bem, a pessoa que dá por amor e até às últimas exigências da Caridade, como o caso daquela senhora que ficou só por o marido ter ido em comissão de serviço para o Ultramar e recebeu em sua casa uma velhinha de cem anos que lhe foi recomendada.

Quantos problemas se poderiam resolver com a esmola sim, mas acima de tudo com inteligência e amor.

Ele há Paróquia, no Porto que têm os seus Pobres bem assistidos, mercê duma acção unificada, actuando em profundidade e recebendo generosamente apoio de todos. No Barredo o problema é mais vasto. As muitas tentativas de soluções apresentam-se insuficientes por deficientes critérios de acção, condenável em vários aspectos.

Eu já não quero sustentar que a Igreja, através do Pároco, pode solucionar o caso. Mas que apareça alguém com autoridade e com caridade, que alinhe e subordine todas as forças para não continuarmos no trabalho frustrado de há tantos anos e na consolação parva dos relatórios da palavra Caridade.

Padre José Maria



Casamento do João e da Maria da Encarnação

HOMILIA

Como a quem vê panorama divino onde foram trevas que a LUZ dissipou, ninguém me impedirá de celebrar jubilosamente este dia.

Tomando a palavra do velho Tobias no êxtase do ver de novo após oito anos de cegueira,

«Eu louvo o meu Deus, o Rei do Céu,
A minha alma exulta de alegria pela Sua magnificência»;

e vos anuncio:

«Se de todo o coração vos voltardes para Ele,
Para com toda a vossa alma fizerdes a Verdade diante d'Ele,
Então Ele voltar-Se-á para vós
E jamais vos esconderá a Sua Face.
Olhai, pois, o que Ele fez por vós;
A boca cheia proclamai as Suas graças.
Bendizeis o Senhor da Justiça,
Exaltai o Rei dos séculos!»

Esta é a minha prece: de acção de graças «pelo que Ele fez por vós»; de intenção profética a respeito do que Ele espera de vós.

x x x

É a primeira vez, entre nós, que este momento de meditação foi trabalhado também pelos noivos. Por graça de Deus eles puderam e quiseram preparar-se com a seriedade de que são capazes para «o mistério grande em Cristo e na Igreja» que vão realizar. Sabem, portanto, que o que se está passando, é, de sua natureza, eminentemente social: não naquela perspectiva oca da imensa maioria dos casamentos de «gente de sociedade» — passagens de modelos, ou ataques menos ou mais pacíficos a «variado e abundante copo de água»; sim na resultante do compromisso, em que todos incorremos pelo facto de testemunharmos um acto de interferências comunitárias.

Por conseguinte é uma responsabilidade estar aqui. A presença passiva só é possível por ignorância ou incapacidade actual de consciência. Se o fôsse por vontade deliberada, era uma presença a mais, indesejável.

Assim, os noivos entenderam que também aqui, sobretudo aqui, lhes competia acolher os seus familiares e amigos, oferecendo-lhes uma refeição de Fé, feita de certezas que eles próprios assimilaram ao receberem a Palavra do Senhor.

É, pois, com o pensamento em todos, — nos que passaram já os umbrais deste «mistério grande», nos que se encaminham para ele e naqueles que, tendo podido realizá-lo, escolheram, ou venham a escolher, realizar-se de outro modo — que vamos reflectir em voz alta, para que todos conheçamos mais profundamente e valorizemos mais justamente, entre os caminhos postos por Deus à disposição do homem para atingir o Céu, o potencial de santidade guardado na vocação matrimonial.

x x x

Naturalmente vamos falar uma linguagem que pressupõe a Fé. Aprendermos, na medida da nossa imperfeição, o pensamento de Deus a respeito do homem, os Seus planos de Salvação; e colocarmos na linha eficiente da Sua Graça — eis o nosso objectivo. Deus quer a salvação de todos os homens e Cristo promete-a e promete cem por um, agora, no tempo presente, aos que O seguirem, prontos a deixarem por causa do Seu Nome tudo o que estorvar a caminhada.

Uma primeira realidade nos ocorre. É que não é bom para o homem ser sozinho. Em linguagem intensamente humana, o livro do Génesis nos

relata que Deus viu isso logo no princípio e fez para o homem uma companhia da mesma espécie.

Os caminhos de Deus para o homem não são, pois, itinerários de solidão. Escolher a companhia com que há-de seguir-se é uma opção fundamental, porque há-de cada um acertar com os que têm trajectórias próximamente paralelas, que mesmo estas, em pleno rigor, terão de comum com as concorrentes o só coincidirem no infinito: a Mesa do Banquete Celestial a que o Pai convida todos os homens.

A vocação em geral não é, portanto, uma eleição nossa, mas o encontro, entre muitos possíveis, do caminho pessoal

e inconfundível que Deus, em Sua sabedoria eterna, traçou para cada homem.

Dentro de cada espécie de vocação são possíveis ainda, diversificações inumeráveis. É o problema da escolha do outro em ordem ao matrimónio, que, às vezes, assume características de angústia e um nosso poeta levanta em interrogação irrespondida:

«Ele há tanta mulher!...
Mas porque fantasia,
Entre tantas, só uma
A nossa simpatia
Distingue, escolhe e quer?...»

mo de uma pista, que deve ir por ela, racionalmente, na verificação da natureza da trajectória do outro para ajuizar do seu quase paralelismo, em que o quase dá lugar à complementaridade perfectiva e preserva na individualidade nova do matrimónio toda a riqueza da personalidade de cada um dos cônjuges. Se o quase paralelismo, se não verificou é que, na verdade, a simpatia não passava de fantasia, efêmera como tudo o que não tem fundamento real. Estará aqui a explicação de muitos

em que se equilibram o respeito da liberdade fundamental de cada um, e a necessária carência um do outro».

Chegados a este ponto não têm que duvidar sobre o plano de Deus a respeito dos dois, nem que procurar mais. Deus os fez encontrar e despertou entre eles a simpatia que os «distinguiu» um para o outro dos demais. Depois, foi a inteligência iluminada pela Fé que procurou as razões para «escolher», enquanto ia alicerçando no firme aquela simpatia. Finalmente, a amiza-

REPORTAGEM

Mais uma vez a Família desta Casa esteve em festa. Esta foi, com toda a simplicidade e ao mesmo tempo com todo o esplendor, o casamento do nosso João da Rocha.

Sim, quem não se lembra do João «Bombeiro»? Alguém motivada pela interferência dos Bombeiros Voluntários Espinhenses, na entrada do João nesta Casa do Gaíato. Tinha ele 8 anos.

Foi no dia 5 de Outubro, o enlace matrimonial deste nosso irmão. Houve muitas presenças amigas, tanto da parte do João, como da Maria da Encarnação, sua noiva. Destaco uma representação dos B. V. Espinhenses que, com um piquete, fizeram a guarda d'honra.

Já passava das onze e meia, quando entrámos na Capela para a realização do casamento.

A entrada dos noivos foi saudada pela marcha nupcial, tocada a primor por uma orquestra de cordas e órgão electrónico! Esta surpresa agradável, foi obra de Maestro Resende Dias e Família que, carinhosamente, são professores de música de alguns dos nossos, inclusivé do João.

E começou a Santa Missa desta vez mais solene pelos cânticos, acompanhados a órgão electrónico.

No momento próprio, Sr. Padre Carlos fez as perguntas sacramentais. Tudo atentamente escutado e seguido. O Pai do Céu presidia; Pai Américo «assistia» e a Família da Obra da Rua estava presente. Todos fomos testemunhas deste acto soleníssimo.

Na altura da homilia (vai destacada) o celebrante falou com a autoridade que lhe confere o Sacramento da Ordem.

Ao «memento dos vivos» todos os nossos d'áquem e além mar, foram lembrados.

A comunhão, aproximaram-se muitos do Banquete. E todos ficaram saciados, graças a Deus.

Aproximamo-nos dos momentos finais deste Sacramento divino. Mais umas orações e uns cânticos. E com a bênção lançada pelo Sacerdote, terminou o Santo Sacrifício: «Ide em paz, e o Senhor vos acompanhe. Demos graças a Deus».

A saída foi, como sempre, saudada com flores, abraços, muitos abraços e muita alegria.

Nem faltou, como não podia deixar de ser, o fotógrafo! Este foi o Rui Almeida, amigo nosso e dos noivos. Andou numa roda vida, mas

POR
MANUEL PINTO

sempre sorridente, atendia e disparava.

Tocou a sineta! E, como a hora já ia adiantada, a malta entrou lesta e os convidados não se fizeram esperar.

Ao sinal do chefe maior, rezou-se e cada um ocupou seus lugares. Ia começar o «ataque». E que ataque! Presentes os nossos Padres de Miranda do Corvo e do «Calvário» além dos presentes nesta Casa.

Com alegria e boa disposição, os refeiteiros iam levando e trazendo, e ao centro da mesa, os noivos, agora marido e mulher, partilhavam da euforia. Ou não fosse o João o «mestre» das festas deste ano...

No final do repasto, somente falaram dois dos convivas. Ambos, num improviso breve mas eloquente, saudaram os noivos e a Obra de Pai Américo.

Resta-me desejar ao casal, as maiores venturas. E que, na continuação da Obra da Rua, em Moçambique, para onde seguem, o Senhor os ajude a fazer render cada vez mais, os talentos de cada um.

Na verdade, só a Fé tem resposta suficiente. Todo o matrimónio começa em encontro, muitas vezes não procurado, sempre de sentido providencial, que proporcionou uma simpatia com tal força determinante que «distinguiu» e, às vezes, também «escolheu e quis». Analisar esta simpatia crescente é o dever lógico daqueles que a sentiram nascer e creem na mútua orientação que ela implica. Porque não há-de ser a simpatia que «distingue, escolhe e quer». Há-de ser a pessoa, ciente de que Deus Se serve da simpatia co-

lares infelizes, em que o sensível dominou sobre o acto inteligente, um acto que, tanta vez, não chega sequer a existir!

Pelo contrário, se a pista da simpatia conduziu ao encontro de qualidades complementares, este conhecimento fez evoluir a simpatia no sentido da amizade que é «um amor

de assim sábiamente edificada, deu lugar ao mútuo querer, ao necessário querer nascido da carência um do outro, no respeito da liberdade fundamental de cada um.

Esta é a reflexão dos noivos de hoje. Aquela gonde os conduz a sua experiência. A

Cont. na QUARTA página



Casamento do João e da Maria da Encarnação

HOMILIA

minha recolha dela não é uma teorização, mas um testemunho — o que eles têm para dar ao serviço do nosso esclarecimento a respeito de dados fundamentais para a construção da felicidade do homem, de cuja Fé e generosidade dependem somente os cem por um na Terra, que Jesus não volta com a palavra atrás!

Aquela que procurei traçar foi a linha genética do amor que os tem aqui, prontos a darem-se e a receberem-se para sempre.

A simpatia nasceu de um intercâmbio de espírito antes que se conhecessem. Este intercâmbio, por meio do qual se foram conhecendo, gerou a necessidade mútua, no respeito da liberdade fundamental de cada um. Isto é a amizade, verdadeiro e único suporte do amor. Depois, foi o comprovar de que tudo era conforme aos planos de Deus.

x x x

Assente que a escolha um do outro é um dom divino, assente fica que, antes de mais, merece-se. Não cuidem aquelas a quem tal problema preocupa de a prepararem de outra sorte. Esperar activamente, aquela regra de ouro de Pai Américo aos que desejam iniciar-se numa vida mais estável, mais perfeita, tem aqui pleno cabimento. Esperar de Deus, na diligência actualizada de viver em seriedade.

Possuindo este dom, como é próprio de toda a graça, aumenta a responsabilidade de quem o recebeu.

Engana-se perigosamente aquele que encara o matrimónio como cúpula de uma construção acabada. Pelo contrário, o acto que vai ser realizado consagra a preparação até agora feita, o alicerce firme do edifício que começa. Mas é de uma verdadeira fundação que estamos tratando, apoiados na certeza de Fé de que Deus pensa nestes dois em comum tão pessoalmente como deu Eva a Adão.

Pois, reciprocamente, lhes compete receberem-se sem vacilação, tão irrecusável e alegremente como Adão e Eva se acolheram. De facto Deus destina-lhes uma missão semelhante à dos primeiros pais. Se os une é para os fecundar

e colher dele, fruto em favor dos homens seus irmãos. Eles não são iniciadores, mas são renovadores da Humanidade, não só pelos membros que venham a gerar-lhe, mas, sobretudo, pela graça específica de que se tornam portadores ao recebê-la de Deus no Sacramento que vão ministrar-se. O Senhor não entrega talentos aos homens, para que os enterrem, mas para que com eles negociem. Todo o negócio é uma circulação, que será sã se beneficiar àqueles por quem passa. A graça do vosso matrimónio é pois dom que deve enriquecer o Próximo que Deus fizer interferir nas linhas de força da vossa vida. E ou sim — e reflexamente o vosso dom crescerá, a riqueza intrínseca do par torna-se maior e mais pura; ou não — e o vosso dom murchará no bafio da covinha onde o esconderdes.

Se a disposição do par para o bem dos outros deve ser janela aberta, desde já e sempre, para que não seja pestilenta a atmosfera do vosso lar, ela vos será, por isso mesmo, um persistente estímulo à renovação incessante do vosso dom matrimonial. A vossa felicidade interior é necessária ao Próximo, como condição indispensável da que exteriormente emanará de vós para ele. Uma fachada de felicidade a que não corresponde verdade interior, é uma impostura de que não pode colher-se qualquer fruto bom. Há muitos lares assim: externamente guardam as conveniências. A obra que começais agora sobre o alicerce definitivamente pronto, há-de ser de dentro para fora, de baixo para cima, lenta, para ser verdade.

E assim o vosso lar será um apoio válido à comunidade humana em que vos inserirdes. E esta comunidade, estabilizada também pelo apoio que lhe ofereceis, retribuir-vos-á favorecendo a vossa fidelidade, que não tem em vós mesmos a sua finalidade última e exclusiva, mas no bem-comum que tendes por ideal. Este ideal será o ponto de convergência de duas vontades pessoais que querem, supremamente, ajudar-se à santificação mútua e a fundar inteligentemente um mundo-melhor, a herança mais preciosa, a única em verdade, que podem legar aos seus filhos.

Eu quereria ser capaz de exprimir sem confusão, esta essencial fusão da vida de cada homem na do seu Próximo,

para que jamais o vírus do egoísmo, mesmo a dois, mesmo à dimensão da família de sangue, viciasse o ar que haveis de respirar, vós e os vossos filhos.

A vossa edificação mútua para o alto, para o Céu, vai prosseguir agora numa etapa nova, definitiva, que vos ocupará até à morte. Justamente porque a felicidade de um casal não é um bem privado, mas social — no qual todos os presentes somos simultaneamente interessados e responsáveis — deveis-vos a felicidade.

Deus escolheu-vos. Vós aceitais-vos. Aceitais-vos como devíeis esperar-vos: activamente. Os desvios que fazem que as vossas trajetórias pessoais de santificação sejam quase paralelas, parecendo, superficialmente, um desvalor, são a condição da complementaridade pela qual tapareis mutuamente as vossas brechas. Claro que a lei da complementaridade que rege a linha da nupcialidade que será a trajetória resultante da composição das vossas individuais, na medida em que é rectificante, contraria, fere, persegue, crucifica o amor-próprio, o egoísmo que sempre jaz na alma do homem pecador. Jesus, porém, promete cem por um na Terra, expressão da felicidade, agora, no tempo presente, àqueles que estiverem dispostos a segui-lo sem medo ao que contraria e fere e persegue e crucifica, como Ele não teve. Cristo é o Ideal dos valentes. Quem o é, é feliz. E possui, e domina, e purifica... e caminha em passos irreversíveis para o Céu.

Que voto mais hei-de fazer-vos senão somente este, cabeça que contem a todos?: Que Jesus Cristo seja o vosso Ideal.

O testemunho que destes da génese do vosso amor permite-nos um bom augúrio. Ao invés da vulgaridade, não partis de uma paixão, mas da amizade.

O homem, de sua natureza volúvel, não persevera nas exigências de uma paixão sem fundamento bem consciencializado. A paixão tende, naturalmente, à decadência. A amizade cresce com a necessidade mútua que o hábito da vida em comum avoluma. A lei da amizade é rectilínea e ascendente. A sua natureza é oblativa; tende para o sacrifício; prepara para a paixão.

Foi assim com Jesus Cristo. Veio por amor de amizade. Viveu escondido, por amor de amizade. Viveu publicamente, por amor de amizade. Morreu na Cruz, por amor de amizade. A Paixão foi o termo de uma preparação: a hora para que veio e que Ele, mais do que uma vez, afirmou não ter ainda chegado.

x x x

Foi assim que concebemos



Uma imagem dos noivos, junto à Capela da nossa Aldeia

esta homilia-testemunho? Foi assim que pensastes bem no matrimónio que ideis agora realizar? Então, como derradeira preparação antes de invocar-

mos o Espírito Santo, tomai lá, vós, a oração que os justos e piedosos jovens Sara e Tobias rezaram à beira do seu leito nupcial e rezai-a:

*Bendito sejas Tu, ó Deus de nossos Pais.
O Teu Nome é bendito e glorioso pelos séculos sem fim.
Que os Céus Te bendigam
E todas as criaturas, pelos séculos sem fim!*

*És Tu que fizeste Adão.
Como auxílio e como apoio,
És Tu que lhe deste Eva, sua mulher.
E a raça dos homens nasceu destes dois.
És Tu que dissestes:
Não é bom para o homem ser sózinho.
Façamos-lhe um auxílio semelhante a ele.*

*Agora, Senhor, não é por desejo simplesmente carnal
Que recebo esta irmã.
É na verdade da nossa vocação a um caminho comum.
Dá-nos a Tua misericórdia
Agora e sempre até ao fim da caminhada.
Amen.*

OVO de Colombo

Cont. da PRIMEIRA página

«Recebi há dias o livro «Ovo de Colombo», que muito vos agradeço.

Já comecei a sua leitura e digo-vos que está a deliciarme tanto quanto os outros dois livros que em tempo me enviaram e são também do Pai Américo. Não são livros que se leiam de afugadinho, mas sim para meditar».

Livro de meditação. Mas sobretudo de Acção! Por Pai Américo, o Senhor quer-nos ao largo; não em circuito fechado. Quere-nos a gemer e a chorar os problemas dos Pobres, sim — mas sobretudo a resolver e dar-lhes o que não têm: uma casa. Aqui está!

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE